MACHADO DE ASSIS NA FRANÇA

LEA MARA VALESI STAUT (UNESP)

Quando morreu Machado de Assis, em 29 de setembro de 1908, já na condição de Presidente da Academia Brasileira de Letras, sua obra merecia há longo tempo reconhecimento público e lugar de destaque no panorama das letras nacionais. O público internacional, entretanto, dependia de traduções, em virtude do desconhecimento ou mesmo ignorância da língua portuguesa fora dos limites geográficos dos países em que é o idioma nacional. Desde 1888, o próprio Machado tentava ver-se traduzido, mas a autorização necessária foi sistematicamente negada por seu editor, H. Garnier, como atesta a correspondência trocada entre eles[1]. Tal situação persiste até 1902, quando **Memórias Póstumas de Brás Cubas** é publicado em espanhol, em Montevidéu, seguido de **Esaú e Jacó**, lançado em 1905, em Buenos Aires. Era o princípio da difusão da obra machadiana no continente sul-americano, mas seu autor não viveu para vê-la difundida no mundo.

São os franceses, sempre abertos e receptivos às novas tendências e aos desafios que representam as inovações, os primeiros na Europa a se interessar por este autor "enigmático e bifronte", no dizer de Antônio Cândido, que escondia um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente de suas histórias "que todos podiam ler"[2]. Assim, no dia 3 de abril de 1909,

aconteceu em Paris a "Fête de l'intellectualité brésilienne"[3], cuja finalidade era homenagear Machado de Assis, falecido no ano anterior, e difundir sua obra na França.

Organizada pela **Société des Études Portugaises de Paris**, com a colaboração da **Mission Brésiliemne de Propagande**, a festa se realizou no Amphithéâtre Richelieu da Sorbonne, com a participação de Anatole France, Victor Orban e Oliveira Lima (Ministro do Brasil em Bruxelas, na época) que proferiram conferências tendo por tema a vida e a obra do Presidente da Academia Brasileira de Letras. Poemas traduzidos por Victor Orban (**Cercle Vicieux**, **Enfant et Jeume Fille**) foram lidos por Melle Leo Micely, do Théâtre Sarah Bernardt, assim como o conto **L'Infirmier**, lido por seu tradutor, Orban.

É importante ter-se em conta que, no limiar deste século, o governo francês intensificou suas relações com o Brasil devido a interesses geopolíticos e diplomáticos. Vencida pela Alemanha em 1870, a França encontrava-se isolada e contida em sua expansão pela Inglaterra, sobretudo devido à divisão econômica da África, feita desde 1800. O continente latino-americano apresentava-se promissor no cenário internacional; Alemanha e Inglaterra mantinham relações comerciais intensas com a América Latina, assim como os Estados Unidos que exerciam uma política precisa no continente com sua "Doutrina Monroe" ("A América para os americanos"). É exatamente neste contexto neo-colonialista que a França se aproxima do Brasil, baseando-se na ideologia da latinidade, alegando ser a irmã latina, e o francês a língua de cultura por excelência.

Toda uma estratégia de sedução foi posta em andamento, com a vinda de personalidades políticas e literárias ao Brasil, para fazer a propaganda da França e estabelecer um intercâmbio cultural e político. Inúmeros intelectuais franceses acabaram por levar à França uma nova imagem do Brasil, dentre eles Clemenceau, Anatole France, Paul Adam, Georges Dumas, Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Roger Bastide, François Perroux, Pierre Monbeig e Jacques Lambert[4]. É neste período de grande efervescência intelectual franco-brasileira que acontece a "Fête de l'intellectualité brésilienne" do outro lado do oceano, guiada pelo mesmo espírito, ou seja, o da latinidade a aproximar os dois países.

Com efeito, a latinidade marca o tom geral dos discursos proferidos na Sorbonne; o gênio latino de Machado de Assis é saudado e, até certo ponto, encampado pela ideologia francesa da época. Os traços de sua obra, ironia, equilíbrio, harmonia, são apontados pelos conferencistas como decorrência de sua natureza latina, que o aproxima de Mérimée, Renan e do próprio Anatole France, apesar de seu humor mais próximo dos ingleses. Muito francês e pouco exótico, o autor brasileiro projetou, na França, uma imagem que seria também a do Brasil: para uma parte da intelectualidade francesa da época, nosso país se reduziria a um espelho da latinidade e, seu escritor maior, a uma espécie de escriba francês à brasileira.

Ficou, assim, comprometida a fortuna de Machado de Assis em terras francesas, paradoxalmente, em virtude de seu cosmopolitismo, da universalidade de seus temas e de seus personagens, em suma, de seu "não exotismo", pois, como afirma Pierre Rivas, "quel intérêt pouvait bien avoir pour le public français une espèce de disciple lointain de Renan ou d'Anatole France, lequel n'avait même pas le privilège d'écrire une oeuvre 'exotique'"[5].

A festa, no entanto, estimulou o aparecimento de algumas obras machadianas em francês. Em 1910, surge **Quelques Contes (Várias Histórias)**[6], cujo tradutor, Adrien Delpech, publica, no ano seguinte, **Mémoires Posthumes de Braz Cubas**[7]. Os contos aparecem também, a partir de dezembro de 1910 e durante todo o ano de 1911, na revista **Courrier du Brésil**, publicada em Paris por Mendes de Almeida Júnior. Destas duas obras, a única que apresenta um prefácio é **Quelques Contes**, de autoria do próprio tradutor que introduz suas idéias acerca da atividade tradutora, da obra em questão e do autor. Uma larga exposição das características machadianas destaca a sobriedade do estilo, o dom da condensação de idéias em poucas frases, a ironia, o estudo dos estados de alma e o apelo constante ao leitor. A propósito da tradução, Delpech cita Anatole France: "Il y a de belles traductions, peut-être, mais il n'y en a pas de fidèles..." e este é o único eco da "Fête" que se encontra neste prefácio.

Outras publicações seguiram a esteira das manifestações de latinidade feitas na Sorbonne e uma leitura dos prefácios que as

acompanham é reveladora do espírito que as guiou:

- **Littérature Brésilienne**, traduction de Victor Orban, préface de M. de Oliveira Lima, Paris, Garnier, /s.d./, onde se encontram incluídos o conto **L'Infirmier**, os poemas **Cercle Vicieux** e **Enfamt et Jeune Fille**, e o excerto do capítulo XXIV de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, "La franchise de Braz Cubas", ao lado de outros escritores brasileiros.

- **Poésie Brésilienne**, traduction de Victor Orban, préface de Pimentel Brandão, Paris, Garnier, 1922 (Édition du Centenaire de l'Independance du Brésil). A poesia machadiana está presente nesta antologia com **À Carolina, Cercle Vicieux, Une créature e Enfamt et Jeune Fille.**

- **Anthologie de Quelques Conteurs Brésiliens**, établie par l'Académie Brésilienne de Lettres, traduction de Luiz Anibal Falcão, préface de Cláudio de Souza, Paris, Éditions du Sagittaire, 1938. O único conto de Machado de Assis, **Un Apologue**, que aparece nesta antologia, foi também publicado no nº 10 de Paris Notícias.

A ênfase dada à latinidade e aos laços estreitos que unem o Brasil à França é evidente nos prefácios destas três coletâneas. Mário de Pimentel Brandão exalta "combien réel est le pretige que la pensée française exerce, au-delà des mers, sur la culture d'une noble nation latino, pleine d'avenir, dont la littérature compte déjà quelques chefs-d'oeuvres dignes de ceux qui les ont inspirés". O prefaciador da **Anthologie** prefere dar uma simples nota, aliás muito significativa, no final de sua exposição: "L'Académie Brésilienne de Lettres, exactement calquée sur l'Académie Française, a été fondée il y a environ quarante ans. L'immeuble où elle siège a été offert par le Gouvernement français". Oliveira Lima, menos restrito, afirma "l'existence d'une littérature que d'aucuns pourraient s'imaginer exotique, mais qui n'est que le prolongement des courants intellectuels européens".

A partir desta leitura, pode-se concluir que, se de um lado havia a intenção deliberada de fazer a literatura brasileira mais conhecida na França, de outro, havia o "parti pris" do neo-colonialismo dos próprios intelectuais encarregados desta ta-

refa de difusão. Para serem aceitas no exterior, nossas letras deveriam inevitavelmente apresentar vínculos intrínsecos com a produção literária européia, em particular a francesa. O fracasso desta estratégia é inevitável e Machado de Assis não chega a reter a atenção do público francês[8].

Certamente, estas coletâneas tinham a intenção de apresentar a produção literária brasileira, não exclusivamente a de Machado de Assis; entretanto, os prefácios que acompanham a publicação de **Dom Casmurro**[9] e de **Mémoires d'outretombe de Braz Cubas**[10], romances machadianos portanto, são reveladores da mesma tendência. O prefaciador, Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras, deixa transparecer, na apresentação dos dois livros, a necessidade identificatória indispensável à ideologia neo-colonialista. A aproximação com escritores europeus, sobretudo franceses, é primordial, e Machado de Assis torna-se "un cocktail pas trop violent", devido às influências de Mérimée no estilo, de Stern no humor, com o acréscimo de Jules Renard e Georges Courteline, e mais "un soupçon d'amertume, piquant, brésilien, universel, qu'est Machado de Asis" (prefácio de **Dom Casmurro**).

Mas, é quando Peixoto se põe a analisar a função da tradução e a natureza da língua original de Machado de Assis que se vê melhor o colonizador no colonizado, porque, para ele, "la traduction est un hommage, une consécration. Elle flatte l'auteur, elle fait connaître un pays. Être traduit dans toutes les langues c'est la gloire internationale" (**Dom Casmurro**). Além disto, é difícil traduzir Machado de Assis devido à língua portuguesa, "la cadette de la latinité, (qui) n'est pas encore arrivée à la cristalisation qu'exigent les langues déjà définitives et par là immuables", tal como a francesa, "langue dont l'apanage est la clarté sans voles", afirma o acadêmico no prefácio de **Mémoires d'outre-tombe de Braz Cubas.** Ele se permite mesmo dizer que o tradutor desta obra-prima machadiana chegou a "traduire, à interpréter, je dirai même à 'repenser' l'idée et l'émotion de Machado de Assis et à les exprimer en français, avec la limpidité transparente de cette langue, qui est celle de l'intelligence 'pure'"[11].

A edição francesa de **Mémoires d'outre-tombe de Braz Cubas**, quatro anos mais tarde, não faz nenhuma referência à primeira e é precedida do mesmo prefácio de Afrânio Peixoto e de um estudo sobre Machado de Assis feito por André Maurois que apresenta sua obra, a qual "rappelle à la fois Anatole France et Laurence Stern, mais n'en est pas moins originale et diverse".

O ciclo do mito da latinidade e da necessidade identificatória que marcou a fortuna da obra machadiana na França fecha-se, assim, com esta publicação de **Mémoires**, em 1948. Foi preciso esperar até 1955 para ter uma outra tradução de um romance de Machado de Assis, **Quincas Borba**[12], que aparece fora deste ciclo, como se pode ver a partir da introdução feita por Roger Bastide.

Sem referências ao tradutor, nem à intenção desta Collection Unesco, Bastide apresenta o romance e seu autor, passando por uma periodização de sua obra em que são destacadas as características machadianas mais remarcáveis: o humor, o diálogo com o leitor, a análise psicológica etc. Em vez de pôr o autor brasileiro em relação com as letras européias, o prefaciador demonstra que Machado, "en se tenant à l'écart des écoles importées d'Europe, en se consacrant entièrement à la création d'une langue brésilienne, il manifestait son nativisme. Mais nativisme ne veut pas dire fermeture ou isolement. En écrivant des romans psychologiques, il pouvait à la fois être pleinement Brésilien et en même temps ouvrir à la littérature brésilienne une audience internationale. (...) ses héros expriment le climat même du Brésil, et cependant d'une valeur universelle, car l'analyse explique aux hommes des autres civilisations l'originalité savoureuse d'un pays".

Não se vê aí sinais de latinidade, nem de colonizador, nem de colonizado. Apenas um respeito profundo por um escritor muito representativo e singular na literatura brasileira, um homem que, saído do povo, era antes de tudo um artista, um mestre da arte de escrever, cuja universalidade retrata, "sans les déformer, les premiers effets de l'urbanisation et de l'industrialisation sur une société d'origine rurale".

Infelizmente, o público francês da época não estava preparado para compreender a universalidade de Machado de Assis, apesar da apresentação lúcida de **Quincas Borba**, feita por Bastide. Embalados pelo mistério das regiões longínquas, seduzidos pelos trópicos, pela Amazônia, pelo samba, pelo carnaval do Rio, os franceses já estavam alimentados pelo exotismo de Jorge Amado (cujo primeiro romance em francês data de 1938[13]) e pelas imagens tropicais veiculadas pelos meios de comunicação, estimuladas pelas agências de turismo.

Sem nenhuma chance de encontrar lugar entre as preferências literárias francesas, a obra machadiana permaneceu desconhecida do público até os anos 80, não obstante a acolhida favorável que sempre recebeu de comparatistas e estudiosos da literatura brasileira nas universidades francesas.

A década de 80 anuncia uma nova era das relações culturais, comerciais e políticas entre a França e o Brasil. Este começa a ser mais conhecido no jogo da política internacional, seja em virtude da maior dívida econômica externa, seja em razão do fim do regime militar, ou ainda devido ao desenvolvimento econômico acompanhado de desigualdades sociais. Além da imagem estereotipada de um país exótico, que continua ainda a reter a atenção (o sucesso na televisão francesa da expedição de Jacques Cousteau à Amazônia o prova), a imagem de um Brasil moderno, industrial, começa a ser difundida.

O estigma do estereótipo incomoda também a França, mais conhecida pela moda lançada em Paris e pelos perfumes do que por sua tecnologia avançada responsável pelo Concorde e sofisticados satélites, por exemplo. É justamente o desejo de ver este quadro modificado em proveito de imagens mais próximas da realidade que inspirou o Projeto França-Brasil, empreendimento de duração prevista de três anos a partir de 86, cuja originalidade consiste no fato de ser efetivamente bilateral, assegurando o equilíbrio de participação dos dois países.

Muitas das atividades previstas já foram realizadas no Brasil (a exposição Picasso, a "tournée" da Comédie Française, o Simpósio Franco-Brasileiro de Tecnologia Avançada, a restauração da antiga Casa da Alfândega no Rio que acolherá a Casa Fran

ça-Brasil, com um Banco de Dados das relações entre os dois países etc.) e na França (as exposições da arte plumária, da arte popular brasileira, de máscaras, a retrospectiva do cinema brasileiro, a presença de escritores nacionais durante o Salon du Livre, o ano Villa-Lobos, o Colóquio de Imagens Recíprocas do Brasil e da França etc.). Há ainda muito a fazer e, se o público dos dois países continuar a se interessar pelas atividades como o tem demonstrado até aqui, a idéia inspiradora do Projeto será concretizada, isto é, o interesse mútuo prosseguirá por si só, a despeito das estruturas governamentais.

No que diz respeito à literatura brasileira especificamente, deve-se destacar o papel de uma figura que, à margem das iniciativas oficiais, presta um serviço inestimável à difusão de nossas letras na França. Sensível às mudanças do gosto literário francês, Anne-Marie Métailié, proprietária da editora que leva seu nome, lançou a coleção "Bibliothèque Brésilienne", dirigida por ela própria e Mário Carelli.

Antiga aluna de Antônio Cândido na Sorbonne, Anne-Marie descobriu nossa arte literária, pela qual se apaixonou a ponto de aprender o português para melhor conhecer nossos escritores. Decidida a partilhar desta descoberta e a mostrar a sensibilidade brasileira a leitores que confundem ainda o Brasil com o resto da América Latina, pensando que falamos o espanhol, empreendeu a "Bibliothèque Brésilienne". Os textos publicados são escolhidos de acordo com seu gosto pessoal, regiões e épocas; textos de autores desconhecidos na França ou conhecidos por meio de traduções duvidosas, sejam eles clássicos ou contemporâneos, para dar uma imagem mais conforme à variedade da literatura brasileira.

Os livros e autores publicados até o momento revelam bem a linha mestra da coleção: **Premières Histoires** de João Guimarães Rosa, **Cette Terre** de Antônio Torres, **Conversation Extraordinaire avec une Dame de ma Connaissance** de Carlos Drummond de Andrade, **Le Vampire de Curitiba** de Dalton Trevisan, **Chronique de la Maison Assassinée** de Lúcio Cardoso, **Les Guérilleros sont Fatigués** de Fernando Gabeira, **Journal de Bitita** de Maria Carolina de Jesus e, certamente, **Dom Casmurro, L'Aliéniste, Esaü et Jacob, La Montre en or et autres contes** de Machado de Assis.

Como se vê, não só nossa literatura vem encontrando espaço cada vez mais amplo junto ao público leitor francês, como Machado de Assis merece lugar de destaque neste espaço aberto pela editora francesa. Único autor a ter mais de um livro na coleção, merece também projeto de publicação de sua obra completa. É o começo de uma nova etapa da difusão deste escritor de estatura internacional, a partir de uma estratégia que, espera-se, o resgate da obscuridade em que permaneceu até hoje.

Com efeito, a leitura dos prefácios que apresentam suas obras ao público francês de nossos dias é reveladora de uma nova tendência em relação à literatura brasileira e a seu escritor maior. Não são encontradas referências ao exotismo, à latinidade, nem às letras francesas ou européias como fonte de inspiração. Há apenas o cuidado de oferecer aos leitores uma idéia real da originalidade do autor e de sua narrativa.

É o que faz Anne-Marie Quint, tradutora de **Dom Casmurro**, que apresenta a autobiografia de Bentinho e a enigmática Capitu no posfácio em que destaca a análise psicológica dos personagens, a estrutura do romance, o realismo circunstancial, após ter passado rapidamente pela vida e obra do autor. A acolhida favorável dos leitores a este livro lançado em 1983 pode ser medida por uma primeira tiragem de 2.500 exemplares, seguida de outra de 3.000.

L'Aliéniste, publicado no ano seguinte, obteve igualmente muito sucesso na imprensa e recepção favorável do público. Traduzido do "brésilien" por Maryvonne Lapouge, a obra é acompanhada de uma excelente análise da narrativa feita por Pierre Brunel. Sem se deter na biografia ou no conjunto da obra machadiana, o prefaciador trata da loucura, dos autores que se interessaram por este tema e da maneira particular pela qual o brasileiro a tratou, "non pas autour de l'aliéné, mais autour de l'aliéniste (...qui) est peut-être un aliéné".

Em 1985, **Esaü et Jacob**, na tradução de Françoise Duprat, é apresentado por Jean-Paul Bruyas que enfatiza a universalidade deste romance complexo de aparência simples. Rio de Janeiro no fim do Império, o momento histórico e econômico, a natureza, tudo está presente na história dos gêmeos, mas tudo é secundá-

rio; o que importa "c'est le lieu où se manifeste ce qui dans l'homme paraît éternel; c'est le théâtre sur lequel il se produit", porque "le monde est une allégorie de la vanité du monde" na visão do romancista.

Enfim, em 1987, A.M. Métailié publica uma coletânea de contos machadianos, traduzidos por Maryvonne Lapouge, o primeiro dos quais dá nome ao livro, **La montre en or.** O texto de Antônio Cândido, "Machado de Assis: schéma", que o acompanha foi concebido originalmente como uma conferência lida em 1968, publicada em 1970 em **Vários Escritos** (v. nota 1), e que se adapta perfeitamente como apresentação deste autor e de sua obra a um público estrangeiro.

Com a lucidez que lhe é característica, o professor brasileiro ressalta o desconhecimento da língua portuguesa no mundo e a obscuridade na qual Machado foi lançado a nível internacional, apesar da glória nacional que mereceu antes mesmo de morrer. Após passar em revista os críticos literários brasileiros que se ocuparam desta obra, rica de significações, "permitindo que cada grupo e cada época encontrem as suas obsessões e as suas necessidades de expressão", Cândido analisa, com precisão, alguns contos e romances machadianos e acaba por "aconselhar a cada um que esqueça o que eu disse, e abra diretamente os livros de Machado de Assis".

Em suma, tudo indica que é dentro deste espírito apontado por Antônio Cândido que deva ser conduzida a tarefa de difusão da produção literária deste autor nacional, ou seja, por meio de traduções de seus escritos que possibilitem ao leitor estrangeiro conhecer a grandeza de sua obra para que, enfim, Machado venha a ser reconhecido no exterior e seu nome colocado ao lado dos grandes escritores da literatura ocidental.

Um mero confronto numérico das traduções francesas de sua obra já autoriza uma expectativa favorável neste sentido: se de 1909 a 1955, em 44 anos portanto, foram traduzidos três romances e um livro de contos, apenas de 1983 a 1987 foram apresentados quatro títulos diferentes ao leitor francês. A expectativa é favorável não só no que concerne a Machado de Assis, mas em relação à literatura brasileira na França que, graças aos

esforços de especialistas e editores que empreendem sua difusão junto ao público daquele país, poderá, enfim, vir a ser apreciada não somente por seu lado exótico, mas em seus múltiplos aspectos de originalidade e riqueza. Para tanto, basta que nossa arte literária seja acessível ao leitor estrangeiro em boas traduções.

NOTAS

[1]GALANTE DE SOUZA, J. "Cronologia de Machado de Assis", in: **Revista do Livro**, nº 11, ano III, set.58 (Órgão do Instituto Nacional do Livro). Edição Comemorativa do Cinqüentenário da Morte de Machado de Assis.

[2]"Esquema de Machado de Assis", in: **Vários Escritos**, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1970. p.17.

[3]**Machado de Assis et son oeuvre littéraire.** Discours prononcés en Sorbonne le 3/4/1909 par Anatole France, Victor Orban et Oliveira Lima, Paris, Louis Michaud, 1909.

[4]É importante destacar a participação de Georges Dumas, médico e professor de Psicologia na Sorbonne, que criou, em 1910, a Associação das Universidades Francesas,a fim de estabelecer uma cooperação cultural com os países latino-americanos; com apoio neste intercâmbio de professores estrangeiros (de distintos países, sobretudo da França) e brasileiros, foi criada, em 1934, a Universidade de São Paulo.

[5]**Relations littéraires entre la France, le Portugal et le Brésil de 1880 à 1930.** Thèse, Université de Paris, 1976.p.245.

[6]**Quelques Contes**, traduit du portugais par Adrien Delpech, Paris, Garnier, 1910.

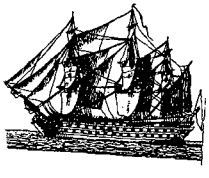
[7]**Mémoires Posthumes de Braz Cubas**, traduit du portugais par Adrien Delpech, Paris, Garnier, 1911.

[8]Note-se ainda algumas coletâneas de poetas e contistas brasileiros ou sul-americanos, entre os quais se encontra perdido Machado de Assis:
Les mille nouvelles nouvelles, traduction par Ph. Lebesgue et M. Gahisto, Paris, La Renaissance du Livre, nº 14, mars 1911.
STERN, Leopold, **Rio de Janeiro... et toi**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1942.
Anthologie de la poésie ibéro-américaine, choix, introduction et notes de Frederico de Onis, traduction d'Armand Guibert, présentation de Ventura Garcia Calderon, Paris, Nagel,1956.

[9]**Dom Casmurro**, traduit du portugais par Francis de Miomandre, version revue par Ronald de Carvalho, préface d'Afrânio Peixoto, Paris, Institut International de Coopération Intellectuelle, 1936. (Paris, Albin Michel, 1956).

[10] **Mémoires d'outre-tombe de Braz Cubas**, traduit du portugais par R. Chadebec de Lavalade, Rio de Janeiro, Atlântica Editora, 1944. (Paris, Émile Paul Frères, 1948).

[11] Acrescente-se que a publicação deste romance em francês, em 1944, no Brasil, fazia parte de um projeto de coleção intitulada "Les Maîtres de Littératures Américaines", da qual só houve um outro volume, lançado no mesmo ano, **Memórias de um sargento de milícias**, de M. Antônio de Almeida, na tradução de Paulo Rónai.

[12] **Quincas Borba**, traduction d'Alain de Acevedo, introduction de Roger Bastide, Paris, Nagel, 1955. (Collection Unesco d'oeuvres représentatives, série ibéro-américaine, nº 8).

[13] **Bahia de tous les saints**, Paris, Gallimard, 1938. Reédition: Paris, Folio, 1981.